

DIÁRIO DE UMA PEDRA NO MÊS DE ABRIL

carolina ramos nunes

Entre os tempos (01/04)

Não há lugar melhor para esconder-se do que entre tempos. Há o tempo Aion, o mais atraente entre todos, que “se estende em linha reta, ilimitada nos dois sentidos” (DELEUZE, 1974, p. 170). Cavo nele uma superfície onde possa existir labirinticamente como pedra; como devir; como mediadora.



71



Dos esconderijos visíveis (03/04)
“Dir-se-ia que a antiga profundidade se
desdobrou na superfície, converteu-se
em largura.” (DELEUZE, 1974, p. 10).
Ou seja, cavei infinitos buracos no
tempo, na furtiva tentativa de
esconder-me dentro de seus
meandros, neste ato fortuito tornei-me
plana, superfície vibrátil, desejante de
forma e força.

72

Procura-se uma pedra (05/04)

“Os acontecimentos são como os cristais, não se transformam e não crescem a não ser pelas bordas, nas bordas.” (DELEUZE, 1974, p. 10). Se sou cristal permito-me crescer, sem ficar apenas cavando esconderijos: permaneço em território manso onde o tempo possa me carregar. Preciso escapar pelas lacunas do tempo para ser superfície.

73

Sobre ser uma pedra (06/04)

Estava andando após término de aula, passava das 22 horas. O vento era forte e não havia nuvens no céu. Contudo, andava com o peso extra de algo que não me pertencia antes. Hoje me descobri pedra. Antes vivia margeante entre ser ou não ser pedra, mas então

percebi que caí na profundidade interna de aniquilamento: sou uma pedra. Ainda no mesmo dia estabeleço a meta de pensar o que é ser pedra sendo também uma não pedra.

Como crescer pelas bordas (07/04)

Ainda no dia de ontem, perguntaram-me o que seria crescer pelas bordas? Ou como? Não me recordo ao certo. Pedras crescem? Segundo Deleuze, pelas bordas. Acho que ontem estava um tanto Alice depois de comer um bolo "E qual não foi sua surpresa ao descobrir que ficara do mesmo tamanho! Para dizer a verdade, isso é o que geralmente acontece quando se come um bolo; mas Alice estava tão acostumada a só esperar por coisas extraordinárias, que então lhe parecia muito tolo e tedioso que a vida continuasse de

74

modo comum." (CARROLL, 2002, p. 12). Ao fim, pedras nem boca tem para comer bolos mágicos, quiçá crescer como Alices. Ainda.

Do tempo ao tempo (08/04)

Hoje há um problema, anterior ao outro, que precisa ser resolvido. Mas resolver seria uma solução? É um problema ou uma perspectiva? Sobre o tempo: como pedra, ontem, hoje e amanhã, permanece-se pedra. Há o ditado que água mola em pedra dura, tanto bate até que fura, então não se é pedra em *Cronos* para sempre. Mas em *Aion*, como ser pedra não sendo? Mas há outro ponto, como se cresce pela borda sem viver no tempo sem tempo planejado onde tudo faz parte da mesma meada? Sendo assim, meta de hoje, viver em

75

Aion, "lugar dos acontecimentos incorporais [...] povoado de efeito que o habitam sem nunca preenchê-lo" (DELEUZE, 1974, p. 170), ter bordas, ao mínimo, anunciações delas.

Das nuvens ausentes (09/04)

Hoje a previsão do tempo era de chuva torrencial. Só apareceu o sol. Sequer nuvens havia no céu. Onde estariam elas com todas as suas formas desformes e imprevisivelmente presentes? Há um céu de nuvens para onde elas podem ir pensar sobre o que é ser nuvem?

76

Igual não igual (10/04)

A cada um deveria ser permitido ter outro, um duplo, quase igual, mas diferente, como peixes. Sobre a turbulenta vida de um peixe: Era uma vez um peixe, ele era neon como todos os outros, e isso o preocupava: quem iria vê-lo se fosse igual a outros n peixes do aquário? Como iriam perceber que o neon dele era um pouco mais roxo que o dos outros se ele não tinha espaço para diferenciar-se na mini-imensidão de água. Certa vez ele bateu-se com outro peixe, igual a ele, mas igual a todos os outros, porém coincidentemente este outro tinha as mesmas aflições que o primeiro. Ao fim ambos percebem que todos são diferentes, só que somente eles enxergavam. Resolveram ficar juntos. Eram diferentes e se amavam por isso, eram semelhantes aos olhos de todos os outros, o que os fazia mais fascinantes ainda.

O Aleph (11/04)

"Existe esse Aleph no íntimo de uma pedra? Vi-o quando vi todas as coisas e o esqueci? Nossa mente é porosa para o esquecimento; eu mesmo estou falseando e perdendo, sob a trágica erosão dos anos, os traços de Beatriz." (BORGES, 1949, p.96). Será que existe ou existiu tal Aleph? Será possível caber em mim um Aleph?

78

Antes de ser outra coisa, não ser pedra (12/04)

Agonia-me o fato de não querer mais ser pedra, desejo flutuar, fluir, viajar, algo que me impede sendo pedra. Quero ser leve como uma nuvem e densa como a água, passar pelos dedos deixando molhar, perder partículas, receber outras, mover areias, mover montanhas, passar por elas, andarilhar pelas bordas.

Sobre folhas que caem (13/04)
Andarilhando entre o café e um bolo
noto duas folhas caindo, farfalhando,
ondulando o vento como se fosse corpo.
Deixam seu peso fazer peso e descem ao
chão. Talvez possa ser um movimento
interessante a se experimentar antes de
ser nuvem - cair sem peso, deixar que as
linhas de fuga me levem para um lugar
outro.



Pedras comemoram? (14/04)

Pedras fazem aniversário? Quando nascem as pedras? De onde elas vêm? e as nuvens? Creio não haver um começo, um ponto, um início, um fim a percorrer, mas sim planos de imanência.

Azul em toda parte (15/04)

Bordejando a nuvem, o céu, a pedra e as forças no caos - tudo fica um pouco azul no fim das contas.

80

Ou isto ou aquilo (17/04)

Ser pedra ou nuvem ou ave ou céu ou mar ou azul ou a cor ou o universo ou casa ou ensino ou desejo ou devir ou força ou forma ou ansiedade ou escritura ou ainda ou, pedra.

Ao infinito há possibilidade (18/04)

"O nome que designa uma coisa remete a outro nome que designa seu sentido, ao infinito" (DELEUZE, 1974, p. 33) há esperança de que neste infinito me encontre nuvem e não mais pedra, ou ambas? Ou margear ambas podendo ser e/ou. Ser devir nuvem.

Andorinhar (19/04)

81

Hoje avistei uma andorinha, seu voo mudava a cada metro, com rompantes para caminhos completamente diferentes do previsto. Como se traçam caminhos no céu? Posso ser andorinha antes de ser nuvem: há que se percorrer esse caminho.

Do vazio (20/04)

Assumindo uma relação de existência e latência no mundo, se faz imprescindível olhar para o chão que me rodeia, para o ar que me sufoca e para o nada/vazio que me compõe.

Sentir-pedra (21/04)

Nunca ainda encontraremos o sentido de qualquer coisa como diria Nietzsche. Bom, como coisa pedra posso não ter sentido, mas sentido? Que sentido é esse? Seriam as forças que me movem e permitem andarilhar por ai ou sentido que me molda fluidamente entre as forças que me atravessam/apropriam?

82

Sobre leituras (22/04)

O problema, ou melhor, neste caso o desejo de ser nuvem pressupõe percursos a serem andarilhados, mas não sozinhos, e não ancorados em nortes ou objetivos previamente estabelecidos, porque senão de que adiantaria sair desse cais se já se sabe o destino e o que lá encontraríamos? Sendo assim, estabeleço que ler me propõe sair do cais com o propósito de mudar o caminho a ser trilhado neste mar.

83

Ilhas ou não ilhas? (23/04)

Ilhar-me ou ilhar-te, ser uma ilha nuvem no meio do oceano azul de céu aberto. Ilho-me ao ser ilha? Ou ilho-me mais a não avistar a possibilidade de estar me ilhando pouco a pouco? Ou seria ainda mais ilhante ilhar-me dentro da ilha conceitual imaginária que componho

sem arriscar colocar os pés na água e navegar? Ps. Uma única pedra pode formar/ser uma ilha?

Ainda sobre ilhas (24/04)

Lendo sobre ilhas evanescentes: "Pois bem, o fim do mundo, ou melhor, o fim de um mundo, um naufrágio, [afirma Enzendberger] começa com um barulhinho e se por ele nos tornamos náufragos isto pouco diz respeito a afundar, a afogar-se, mas a sair, a inverter a saída que conduzirá a composição, e se a empresa é arriscada e difícil é porque ' não há criação que não remonte a uma catástrofe' (ENZENSBERGER, 1986, p. 30), expressão da luta contra tudo o que aprisiona a vida." (GODOY, 2011, p.06) Meta de hoje, não me aprisionar em uma ilha.

84



Sobre afogamentos (25/04)
Incomodada com o meu
aprisionamento desejante de ser
nuvem, opto afogar-me nesse
desejo, criar e ver por ele a
potência criadora que move e faz
com que me leve a um
posicionamento náufrago a
percorrer caminhos outros, tanto
no céu como na terra.

85

Pedras azuis (26/04)

Na tentativa vã de ser mais nuvem e menos pedra faço outras semelhantes azuis, para que entre elas eu sinta como se no céu estivesse. Tosca necessidade esta e mais tosco ainda o fato de mudar aquilo que na superfície permanece ainda a mesmo, pedra. Não posso mudar aquilo que me está lado a lado, posso mudar aquilo que me atravessa, mas na verdade não o mudo, mas mudo eu.

86

Das mudas (28/04)

Mudar as mudas. Torná-las falantes ou colocá-las em terreno mais fértil. Ainda acho que pedras são mais áridas que desertos, mas, ambas somos mudas de qualquer forma.

Nas raízes (29/04)

Das pontas arbóreas aos caveantes rizomas.
Silvio Gallo com Deleuze pensa os entraves da
educação de forma que seus galhos sejam tão
verdejantes quanto o ouro de suas raízes.
“Um rizoma não começa nem conclui, ele se
encontra no meio, entre as coisas, inter-ser,
intermezzo” (DELEUZE apud GALLO, 2003, p.
83). Precisa-se estar aberto ao rizoma para se
proliferarem pensamentos, aflorarem devires,
animar desejantes.



Referências

- GALLO, S. Deleuze & a Educação. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. v. 1. 120p.
- GODOY, Ana. Como tornar sensível a força das ilhas evanescentes. In AMORIM, A. C., GALLO, Silvio, OLIVEIRA Jr., W. M. de. Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e ... Petrópolis, RJ: De Petrus; Brasília, DF: CNPq, 2011.
- DELEUZE, G. Lógica do Sentido. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BORGES, Jorge Luis. O aleph (1949). São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CARROLL, Lewis. Alice edição comentada: aventuras de Alice no país das maravilhas e através do espelho. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.